
POLIANDRIA À BRASILEIRA: CONSIDERAÇÕES SOBRE A FAMÍLIA, O CONTROLE SEXUAL, O PAPEL DA MULHER E A ACEITAÇÃO DO DIFERENTE NA TV E NO CINEMA BRASILEIRO

Ligia Mendes Calazans*

RESUMO: Este artigo busca investigar sobre mudanças ocorridas na formação da família, no papel social da mulher e no controle da vivência da sexualidade, do ponto de vista de personagens da ficção brasileira que vivem em um relacionamento poligâmico, cuja mulher tem mais de um marido ou companheiro. Por que essas relações têm espaço em nossa sociedade, quais são suas características, quem é a mulher pós-moderna, qual o seu papel e o do homem, são algumas perguntas que tentamos responder ao longo dessa reflexão. Para isso, nos basearemos em estudos antropológicos e sociológicos sobre a poliandria, suas características, ocorrência e dificuldades; sobre a história da família desde sua formação, ainda na pré-história, até os dias atuais, passando pelos mais importantes acontecimentos históricos que determinaram as modificações nas estruturas familiares, bem como nos papéis sociais dos homens e das mulheres. De posse desse conhecimento, analisaremos as relações formadas em seis obras brasileiras da literatura, da televisão e do cinema, verificando suas similaridades e diferenças, a fim de sabermos o que há de antigo e de novidade na formação dos relacionamentos neste novo milênio.

PALAVRAS-CHAVE: cinema; televisão; família; relacionamento e sociedade.

Índice

Introdução	1
1 Poliandria / Poliginia	2
2 O controle da polis	4
3 Mulheres diversas	5
Considerações finais	7
Referências	8

*Universidade Estadual de Santa cruz

© 2017, Ligia Mendes Calazans.

© 2017, Universidade da Beira Interior.

O conteúdo deste artigo está protegido por Lei. Qualquer forma de reprodução, distribuição, comunicação pública ou transformação da totalidade ou de parte desta obra carece de expressa autorização do editor e do(s) seu(s) autor(es). O artigo, bem como a autorização de publicação das imagens, são da exclusiva responsabilidade do(s) autor(es).

² Personagem de *Dona Flor e seus dois maridos*, romance de Jorge Amado (1966).

³ Personagem de *Eu, Tu, Eles*, filme de Andrucha Waddington (2000) baseado em fatos reais.

Introdução

DONA Flor², mesmo casada com Dr. Teodoro, mantém relações íntimas com seu falecido marido; Darlene³, além de seu marido Osias, mantém relações com outros dois homens, agregados da casa; Karinna⁴ vive uma paixão conturbada com os amigos Naldinho e Deco; Alice⁵ se diverte com o casal homoafetivo formado por Osmar e Narciso, enquanto Aline⁶ divide a cama com seus dois namorados, Pedro e Otto. Grávida, Suellen⁷

⁴ Personagem de *Cidade Baixa*, filme de Sergio Machado (2005).

⁵ Personagem da novela *Viver a Vida*, de Manuel Carlos (2009-2010)

⁶ Personagem do cartunista Adão Iturrugarai. Primeiramente publicadas pela Folha de São Paulo, virou especial de final de ano da Rede globo em 2008, e foi transformado no seriado *Aline*, veiculado na mesma emissora, em duas temporadas: uma em 2009 e outra em 2010.

⁷ Personagem da novela *Avenida Brasil*, de João Emanuel Carneiro, 2012.

⁸ Personagem da novela *Avenida Brasil*, de João Emanuel Carneiro, 2012.

não sabe se seu filho é de Leandro ou de Roni, e os três vivem, harmoniosamente, na mesma casa. E, Cadinho⁸ se casa com três mulheres na mesma cerimônia.

Do ano 2000 a 2012, tivemos pelo menos seis representações poligâmicas, sendo que em cinco delas, é a mulher que tem mais de um marido/companheiro. Todas elas de considerável sucesso da TV e do cinema brasileiro. O que nos chama a atenção, considerando que tais obras são retratos da sociedade contemporânea. Independentemente da linguagem ou do formato, a produção artística nacional vem, especialmente depois da segunda metade do século XX e, com mais intensidade neste início de século XXI, registrando modos de relacionamentos diversos daqueles idealizados pela religião ou legalizados pelo Estado e arraigados na cultura ocidental. Coincidentemente ou não, a justiça brasileira, nos últimos cinco anos, tem validado uniões, anteriormente, inimagináveis tais como: a união estável entre pessoas do mesmo sexo e as uniões compostas por mais de duas pessoas.

Partimos, assim, para um estudo que investiga sobre a história da família, o controle sexual feminino, o papel social da mulher, com enfoque especial na sua participação para a formação da família contemporânea, a fim de identificarmos as mudanças no comportamento social e de sabermos da importância e o papel das *medias* para essas transformações.

Para isso, definiremos os modos de Poligamia, traçaremos o histórico da família, falaremos sobre o controle das populações e os artifícios utilizados para isso; pontuaremos os momentos de modificação no papel social da mulher na sociedade e levantaremos, a partir das personagens citadas acima, as características da mulher e os modos de família do século XXI.

1 Poliandria / Poliginia

Poliandria, palavra de origem grega formada por poly, que significa muitos e andros que significa homens, pouco conhecida e definida, muito brevemente nos dicionários de língua portuguesa, como sendo o estado da mulher casada, simultaneamente, com vários homens. Poliginia, também de origem grega, poly significando muitos e ginia (gynaika), mulher ou esposa, é historicamente a mais bem aceita forma de poligamia. Configura-se

⁹ www.britannica.com acesso em 4 de outubro de 2012.

¹⁰ Along with many sociocultural anthropologists, evolutionary biologists generally contend that polyandry is practiced when

como o casamento, ou ajuntamento, formado por um homem e várias mulheres, simultaneamente. É, também, displicentemente generalizada e chamada de poligamia, desconsiderando-se o outro formato.

Registros formais de Poliandria no Brasil são raros, mas sabe-se que sua prática ocorreu em tribos indígenas que sofreram pouca interferência dos colonizadores. Por isso da pouca utilização de autores brasileiros na investigação de suas características, motivações e formas de manutenção.

Para os estudos clássicos, há poligamia e suas variações, desde que haja coabitação entre os pares⁹, o que significa haver acordo e partilha do mesmo espaço de habitação por todos os envolvidos. A poliandria é vista como um sistema marital que ocorre, principalmente, por causa da necessidade de adaptação ao ambiente em que se vive.

Em conjunto com muitos antropólogos socioculturais, biólogos evolucionistas geralmente afirmam que a poliandria é praticada quando circunstâncias econômicas, demográficas ou de ecossistema, limitam a habilidade do homem, sozinho, de suportar, adequadamente, mulher e filhos (Levine; Silk, 1997: 376)¹⁰.

Sua forma mais praticada, segundo tais pesquisadoras, já que esse sistema busca evitar a divisão de recursos naturais entre diversas famílias é a chamada Fraternal Polyandry, quando irmãos se relacionam com a mesma mulher. Mas há, também, o formato em que o homem compartilha sua esposa com parente próximo.

Melvyn Goldstein (1976), que no século XX, estudou in loco grupos em três vilas tibetanas, com predominância de arranjos poliândricos, viu que o número de homens e de mulheres era, praticamente, o mesmo, descartando a hipótese de desequilíbrio social e, constatando que a situação socioeconômica é fator determinante de motivação desse arranjo.

Naquela sociedade, a poliandria ocorre por haver escassez de terra e por causa da difícil subsistência de todos. De modo geral, as famílias desses vilarejos dão preferência ao casamento poliândrico, evitando que suas terras sejam divididas entre os filhos e suas novas famílias, e que o sustento de todos fique cada vez mais difícil. Quando

economic, ecosystemic, or demographic circumstances limit individual men's ability to support women and their children adequately (Levine; Silk, 1997, p. 376).

a família tem apenas um filho, não há perigo de divisão de terra, então, mantém-se o casamento monogâmico.

No Tibete, as regras são bem definidas. Há ocorrência de monogamia, poliandria e de Fraternal Polyandry. Também são encontrados arranjos simultâneos de poliginia e poliandria - em que dois ou mais irmãos compartilham mais de uma mulher. As relações extraconjugais são toleradas, apenas quando praticadas por homens. Nas sociedades poliândricas, geralmente, a organização familiar é feita em torno da mãe, pela dificuldade de certeza da paternidade, sendo os filhos considerados de todos os homens envolvidos (Goldstein, 1976).

Comparando as regiões de acordo com o modo de poligamia praticado, para Claude Lévi-Strauss (1982), a poliginia é uma forma de organização das sociedades com elevado nível econômico. Em contrapartida, a poliandria tem como fator determinante a pobreza e a dificuldade de sobrevivência dos indivíduos das comunidades que a praticam (Levine; Silk, 1997).

Nas obras brasileiras, a formação das relações tem diversas motivações que não apenas a condição econômica: Dona Flor viveu com um marido nada rotineiro ou enquadrado nas normas sociais. Em seu segundo casamento, reproduz todos os quereres da sociedade. Sentindo o peso do papel que tem de desenvolver, ela se sente sufocada, desvalorizada e sexualmente incompleta. Com as possibilidades da Literatura Fantástica, ela se entrega ao seu falecido marido, que apimenta a sua vida e lhe dá fôlego para as obrigações sociais, com toda a garantia de permanecer uma benquista “mulher da sociedade”.

Apesar de viver em situação de pobreza, Darlene tem uma casa, um marido aposentado, um filho e um trabalho (mal) remunerado, que dá para suprir a subsistência de todos. No entanto, por razões alheias à sua vontade, seu marido abriga o primo Zezinho: homem prendado e atencioso. Sobrecarregada de afazeres, Zezinho se solidariza a Darlene e conquista sua confiança e carinho assumindo diversas tarefas ditas femininas. O sexo entre eles é carregado de pureza e acontece como uma forma de retribuição à sensível melhoria de qualidade de vida que ele a proporciona. Já Ciro, seu colega de trabalho, é a paixão de Darlene. Chega para passar uma noite e vai ficando. Eles têm um sexo carnal, carregado de paixão e prazer. Com seu marido, o sexo é raro e por obrigação marital.

Alice vive nas histórias da classe média do Leblon, Rio de Janeiro. É bonita, rica e descolada.

Sempre quis viver um amor diferente dos modelos existentes, se diverte com suas experiências e tem dinheiro para bancar suas aventuras. Já Aline é uma menina saindo da adolescência passando pela experiência de viver “sozinha”, no centro de São Paulo. Ela faz sua vida e suas próprias regras. Já divide o apartamento com um rapaz e precisa encontrar outro parceiro. Convence o amigo de que é mais vantajoso terem um parceiro do sexo masculino. Independente, acaba ajudando os rapazes.

Karina é garota de programa e se envolve com os dois amigos: Naldinho e Deco. Ela é independente, deixa claro que não recebe ajuda financeira dos parceiros e que, com seu trabalho, acaba tendo remuneração superior. Simplesmente não consegue escolher entre um e outro e gostaria de poder viver com os dois. Não entende a resistência deles, já que aceitam que ela mantenha relações sexuais com outros homens. Suellen é a piriguete, expressão popular que identifica e classifica a mulher sem moral nem princípios, interesseira, volúvel e sexualmente livre. Tenta tirar vantagens de todo relacionamento que estabelece. Tem sempre vários homens, mas com Leandro e Roni, quieta e vive uma vida familiar.

Em sociedades que permanecem primitivas, em tese, pouco afetadas pela doutrina cristã, a poliandria já é um sistema difícil de ser mantido, apesar da necessidade de subsistência. Como, hoje, após milhares de anos de opressão, de construções de identidade masculina e feminina, e de educação judaico-cristã, consegue-se esse desprendimento?

Um ponto levantado, sobre essa dificuldade, diz respeito à relação de poder. Levine et Silk (1997) afirmam que, para haver sucesso em todo e qualquer tipo de poliandria, deve-se haver uma relação de equidade entre os homens que compartilham sexualmente a esposa. Pois, a partir do momento em que um deles se sentir superior, desejará ter acesso exclusivo à sua mulher, como é o caso do triângulo amoroso em Cidade Baixa. Quando Deco e Naldinho deixam de ver Karinna apenas como garota de programa, se envolvem com ela, passam a sentir ciúmes e a competir pela preferência da dama. Outro fator determinante, nessa relação, é a gravidez de Karinna. O filme deixa entender que ela não estaria grávida de um cliente, ideia que também não passa pela cabeça dos rapazes. Sendo assim, a paternidade seria facilmente descoberta, posto que, por um lado, trata-se de uma relação multiétnica: Deco, interpretado por Lázaro Ramos, é negro; Karinna, vivida por Alice Brada e Naldinho, por Wagner Moura, são pardos. É o caso, também, em *Eu, Tu, Eles*, quando Ciro pede

pra Darlene ir embora com ele, ao sentir que é o preferido dentre os outros.

2 O controle da polis

No século XVIII, mais do que em qualquer época, o Estado e a Igreja intervêm, fortemente, na vivência da sexualidade e na formação da família. Práticas que eram, antes, toleradas e tratadas em aberto até o início do século XVII, passaram, segundo Foucault (1988), a serem consideradas "anomalias" sociais:

Gestos diretos, discursos sem vergonha, transgressões visíveis, anatomias mostradas e facilmente misturadas, crianças astutas vagando, sem incômodo nem escândalo, entre os risos dos adultos: os corpos 'pavoneavam' (Foucault, 1988: 9).

Já no século XIX, a conduta sexual a ser seguida encontra-se engessada e já não dá lugar a tais práticas em ambiente público e estão "cuidadosamente encerradas", servindo apenas para a reprodução:

Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. [...] o decoro das atitudes esconde os corpos, a decência das palavras limpa os discursos. E se o estéril insiste, e se mostra demasiadamente vira anormal: receberá este status e deverá pagar as sanções. [...] O que não é regulado para a geração ou por ela transfigurado não possui eira, nem beira, nem lei. Nem verbo também. É ao mesmo tempo expulso, negado e reduzido ao silêncio. Não somente não existe, como não deve existir e à menor manifestação fá-lo-ão desaparecer – sejam atos ou palavras (Foucault, 1988: 9-10).

Essa é a lógica construída na Era Vitoriana, que permanece em nosso subconsciente e que esmorece a cada dia. Contudo, nem sempre foi assim. Saímos da liberdade sexual para o controle sexual feminino e daí partimos para o controle do sexo de forma generalizada. Baseada nos estudos de Friedrich Engels (2007), Fustels de Coulanges (1998) e Elisabeth Badinter (1986), a história da família pode ser contada, resumidamente,

da seguinte maneira: na pré-história havia o casamento por grupos. Homens e mulheres viviam separadamente e se encontravam para o acasalamento. Eles se pertenciam livremente. Os filhos eram criados pela mulher e separados de acordo com o sexo quando entravam na puberdade. Vendo a dificuldade da mulher de se proteger e arranjar alimento quando estavam grávidas ou com filho recém-nascido, homens e mulheres se unem para se protegerem mutuamente, dando início à distinção dos papéis sociais entre os gêneros e a uma relação de interdependência entre eles: homens caçam; mulheres colhem vegetais e cuidam dos filhos. O casamento continuava a ser por grupo e não havia sentimento de posse entre eles. Os filhos eram considerados da mãe e de todos os pais. Por isso, a organização era feita pela linhagem materna.

Com o tempo, os grupos começam a se fixar em um território, criando a agricultura e a domesticação dos animais. Os homens, que até então, ignoravam a reprodução, perceberam que as ovelhas só ficavam prenhes quando o cabrito as cobria. A partir daí, destaca Badinter (1986), inverte-se o poder de procriação. A mulher, que até àquele momento, era respeitada, cultuada e venerada por ser considerada única responsável pela gestação, passou a ser sexualmente oprimida, devendo estabelecer relações monogâmicas, e aprisionada no espaço doméstico para que não gerem filhos bastardos. Instala-se a organização social pela linhagem paterna, o que chamamos de organização patrilinear e, o Sistema Patriarcal, que dá plenos poderes ao homem sobre a mulher e a sociedade. Esse sistema é, futuramente, validado e reforçado tanto pela Igreja quanto pelo Estado e vigoraria, de forma soberana, até a Segunda Grande Guerra Mundial. Obviamente, havia exceções à regra. Como a poligamia, por exemplo.

A formação da civilização ocidental, entre a pré-história e durante a Antiguidade, é marcada pela proibição da poligamia, mais energeticamente, da poliandria; embora sua ocorrência se faça presente em todos os períodos da humanidade. Enquanto Engels (2007) aponta a fixação do homem em um território, o inédito acúmulo de riquezas e a preocupação com a paternidade como fatores determinantes dessa proibição, Fustel de Coulanges (1998) atribui à Religião Doméstica a fonte limitadora das ações humanas e organizadora das populações, criando leis que moldaram o desenvolvimento do magistrado, das cidades e do Estado. Entretanto, a poliginia continua a ser praticada em

algumas situações e sociedades, como descreve a pesquisadora Danda Prado:

No caso de uniões polígamas, há um "status" definido para cada esposa em relação às outras. As mulheres são frequentemente favoráveis à poligamia quanto aos homens. A mulher, serva, sobrecarregada de serviços, deseja uma companheira para dividir seus encargos (Prado, 1979: 40).

Além do motivo da subsistência, Michel Foucault (1985) nos descreve uma forma de poliandria, ocorrida no século XVII. Naquela época os arranjos familiares em que o homem compartilha sua esposa com o irmão ou com parente próximo eram comuns. Nesse caso, o homem se ausenta por longo tempo de casa para guerrear ou fazer negociações e, "empresta" sua esposa, a fim de manter suas terras, status e/ou títulos, revezando, com seus parentes, o lugar de provedor, tanto na tarefa de administrar a propriedade, como no direito de ser "cuidado" pela mulher. O marido legítimo garante, assim, a segurança dele e de todos – o nascimento dos filhos é festejado sem que a investigação da paternidade seja necessária, pois o que importa é que tudo esteja em família. Neste exemplo, a mulher tem um marido de cada vez. No entanto, parece haver um acordo, uma harmonia entre os homens envolvidos em tal arranjo.

É curioso notar que em toda a pesquisa realizada a respeito do tema, a mulher nunca é responsável pelas relações estabelecidas. Elas eram obrigadas a cumprir as determinações dos homens, geralmente de acordo com a situação socioeconômica do momento. O que vemos, atualmente, nas relações apresentadas na literatura, no cinema e na TV, é uma mudança significativa na participação da mulher ao constituir esse tipo de relação. Pra começar, todas elas são financeiramente independentes. Em segundo lugar, estão no centro das tomadas de decisão. Por exemplo: Dona Flor é a mais famosa professora de culinária e sustenta Vadinho – seu primeiro marido. Após o segundo casamento, continua trabalhando e, mesmo em conflito entre ser uma mulher respeitável ou adúltera, não resiste às investidas de Vadinho. Darlene é bóia-fria. Ganha pouco, mas tem o seu dinheiro. Mostra-se bastante articulada frente à necessidade de manter todos os homens na casa e no relacionamento, cuidando de todos os filhos. Aline é sempre quem comanda a situação. Seus namorados têm postura obediente, mesmo quando contrariados. Suellen é uma mulher independente e só faz o

que quer. Alice é sondada por Osmar e convidada, por ele e seu companheiro, a participar da vida do casal homoafetivo. Ela gosta da ideia e aceita o convite. Ou seja, nessas representações os arranjos familiares têm a mulher como organizadora ou ativa participante nas tomadas de decisão.

3 Mulheres diversas

Todo um processo de modificações na construção e na vivência da família, fez com que as mulheres desempenhassem diversos papéis em seu meio e em seu tempo (na maioria das vezes, acumulando tarefas), tendo que se adaptar e readaptar às mais variadas realidades e condições. Na Pré-História, por exemplo, a mulher tinha por função sobreviver e cuidar de seus descendentes. Quando em relação de complementaridade, sua função é cuidar dos filhos e fazer a coleta de grãos e vegetais. Com a instauração do Sistema Patriarcal, ela tem o dever de cuidar da casa, da plantação, dos seus pertences, da domesticação, de cuidar e de prover, sempre, filhos legítimos ao marido (Badinter, 1986). Com a Religião Doméstica, ela deixa de ser propriedade do pai para ser propriedade do marido e, posteriormente do filho primogênito. Acumula a obrigação de casar virgem e de ter filho legítimo do sexo masculino (Coulanges, 1997).

Durante a Idade Média, a Igreja se incube de manter o controle, de construir novas identidades e de reprimir práticas em torno do sexo e do casamento. Segundo Stuart Hall (2005), uma importante ruptura com os ideais medievais se deu a Renascença e o Iluminismo, que marcou, na filosofia e nas artes, o fim da Idade Média e início da Idade Moderna. Com isso, houve o surgimento do chamado "indivíduo soberano", visto como o motor que pôs todo o sistema social da modernidade para funcionar, culminando na Revolução Francesa, que dá início à Era Moderna, simbolizando, para Badinter (1986), o fim do patriarcado e do poder da Igreja, espalhando o ideal de Liberdade, Igualdade e Fraternidade:

A soberania popular nasceu do parricídio. Matando o rei-pai, o povo, por muito tempo considerado menor, ganha a autonomia do adulto. Para isso, foi preciso guilhotinar o soberano em praça pública... Realizado o ato, a derrubada dos valores tornava-se efetiva. O tríptico Liberdade, Igualdade e Fraternidade substituiu o antigo: Sub-

missão, Hierarquia e Paternidade (Baudinier, 1986: 170).

Período igualmente importante foi a Revolução Industrial, que encerrou o Feudalismo, alterando toda forma de relação com o trabalho, dando início ao sistema Capitalista. Esse novo sistema econômico e de produção termina por absorver mulheres e crianças no mercado de trabalho. Apenas com a Primeira e a Segunda Guerra Mundial é que se modificam, terminantemente, os lugares de ação da mulher, com o deslocamento massivo de homens para os fronts de batalha. Ela se torna chefe de família, passa a ocupar lugares ditos masculinos, entra em contato com o mundo sindical e político e descobre seu prazer e sua capacidade para o trabalho. Alteram-se não apenas seu comportamento e sua perspectiva de vida futura, mas também, os modos de formação da família, como nos confirma Michelle Perrot (2005):

Elas descobrem novos espaços de liberdade. Tornam suas roupas mais leves, vivem de maneira mais rápida, circulam mais livremente, dirigem ambulâncias e motocicletas. A pressão da vigilância familiar afrouxou-se. As conveniências atenuaram-se diante dos horrores da guerra. Os rituais de noivado, tão prolongados na Inglaterra vitoriana, desençaram-se na emergência. O encontro amoroso e sexual foi apressado, transformado pela obsessão pela morte (Perrot, 2005: 438).

Apesar de toda essa mudança, com o fim da I Grande Guerra, faz-se pressão para que a mulher retorne ao lar. Sinal de que a ideologia patriarcal, em que o homem deve prover o sustento da família, ao mesmo tempo em que a mulher deve manter-se, exclusivamente, ocupada com os deveres domésticos, permanecia:

Com frequência, num mesmo grupo social, transformações políticas ou culturais determinam a repressão de uma autonomia anterior, já adquirida pelas mulheres daquele meio. Ex: após as guerras, as catástrofes coletivas etc., a natalidade é estimulada, a maternidade é tornada quase obrigatória, limitando a escolha autônoma da esposa. Aos poucos, essa necessidade tornando-se menos premente,

liberalizam-se as restrições. Outro exemplo clássico: o apelo às mulheres (solteiras ou casadas) para que participem da luta, ou apoio clandestino em caso de revoluções, guerras, domínio estrangeiro etc. Nessa hora, evidentemente há o afrouxamento das limitações impostas às mulheres, na sua vida particular e pública (Prado, 1979: 170).

Na década de 1960, a invenção e a popularização da pílula anticoncepcional, proporcionam a não obrigatoriedade da gestação e revolucionam o comportamento sexual das mulheres. A Guerra do Vietnã traz forte mobilização artística e social que se espalhou por todo o mundo, pregando a paz e o amor entre os povos; o amor livre, transformando de vez as formulações familiares, o poder dos pais sobre os filhos e a vivência da sexualidade. Pela primeira vez, o sexo deixa de ser visto, ao menos pela mulher, como instrumento de procriação e consequente aprisionamento, para ser um instrumento de prazer.

Caem por terra os discursos fundantes da humanidade: a Igreja, o casamento, os conceitos de homem e de mulher, a família; as amarras sociais são, ideologicamente, desfeitas na chamada Era Pós-Moderna. Surgem as identidades e os indivíduos, cada vez mais fragmentados.

O que está acontecendo hoje é, por assim dizer, uma redistribuição e realocação dos “poderes de derretimento” da modernidade. Primeiro, eles afetaram as instituições existentes, as molduras que circunscreviam o domínio das ações-escolhas possíveis, como os estamentos hereditários com sua alocação por atribuição, sem chance de apelação. Configurações, constelações, padrões de dependência e interação, tudo isso foi posto a derreter no cadinho, para ser depois novamente moldado e refeito; essa foi a fase de “quebrar a forma” na história da modernidade inerentemente transgressiva, rompedora de fronteiras e capaz de tudo desmoronar. Quanto aos indivíduos, porém – eles podem ser desculpados por ter deixado de nota-lo; passaram a ser confrontados por padrões e figuras que, ainda que “novas e aperfeiçoadas”, eram

tão duras e indomáveis como sempre (Bauman, 2001: 13).

Para Stuart Hall (2005), o feminismo, que emergiu nos anos de 1960, marco da Modernidade Tardia, questionou a distinção entre “público” e “privado”, contestou politicamente a família, a sexualidade, o trabalho doméstico, a divisão doméstica do trabalho, o cuidado com as crianças etc., enfatizou a questão das construções simbólicas de identidade e de gênero, questionou a diferença sexual e a ordem social apoiada nos binarismos (homem/mulher, negro/branco, hetero/homossexual, entre outros).

Em conjunto com todas essas modificações, vivemos, hoje, o ápice da Revolução Tecnológica que, além de potencializar essas mudanças, tem alterado nossa relação com o tempo e com o espaço, imbricando, à velocidade dos pulsos elétricos, as mais diversas culturas e modos de vida. Os modos pelos quais intercambiamos informações em textos, em áudio, em imagens paradas ou em movimentos, têm revolucionado cada canto do planeta. Afetamos e somos, constantemente, afetados por seus conteúdos.

A *tv*, fundamental ferramenta de consolidação da Nação Brasileira, vem, ao longo de cinco décadas, se firmando como o principal meio de informação e entretenimento, tendo grande importância na manutenção dos modelos sociais e no enquadramento da sociedade. Por meio das novelas da Rede Globo, por exemplo, por serem as mais acompanhadas pelos telespectadores brasileiros e já transformadas em produto de exportação, uniformiza-se o *modus vivendi* do país e o propaga ao redor do planeta.

Com sua alta qualidade técnica e tecnológica de produção, unida às habilidades de amarração de suas histórias, as telenovelas conseguem, além de alcançar todo o território nacional, construir simulacros da vida real, tendo importante atuação na cultura do povo brasileiro, no que diz respeito aos valores, aos comportamentos, aos papéis sociais e, neste trabalho, nos interessa focar nos papéis femininos e nos modelos de família.

Mas qual a importância da TV neste quesito? Renato Janine Ribeiro (2002), afirma que embora a TV não tenha por finalidade, desestruturar os poderes dominantes, ela tem efeito positivo na propagação de certos ideais tidos como diferentes ou inaceitáveis, ajudando na sua naturalização. O que proporcionaria certa tolerância ao diferente. Por exemplo, em 1998, a novela *Torre de Babel*, da Rede Globo, teve que tirar do ar o casal lés-

bico, Leila e Rafaela (duas empresárias bonitas e de sucesso), formado pelas atrizes Silvia Pfeifer e Christiane Torlone, por má aceitação do público. Apenas quinze anos à frente, temos, por meio das personagens estudadas, não apenas a aceitação do público como também, significativas modificações no nosso entorno. O casamento civil entre pessoas do mesmo sexo foi reconhecido pelo Estado e os cidadãos têm conseguido regularizar, juridicamente, seus relacionamentos com mais de uma pessoa ao mesmo tempo, obtendo os mesmos direitos que os cidadãos casados conforme as normas da família nuclear.

Considerações finais

Com esta investigação sobre a história da família, sobre o controle sexual e papel social da mulher, pudemos identificar as diferenças que há na vivência da poliandria hoje, em comparação com o passado. A questão econômica já não é determinante, visto que as personagens femininas são independentes. Não há, também, status ou terra para ser defendida. As motivações parecem girar em torno da satisfação pessoal ou da carência afetiva dos indivíduos ditos pós-modernos. Percebe-se, também, o desejo da mulher de não se sentir aprisionada em um relacionamento tradicional a dois (homem-mulher) que se tornou sinônimo de subjugação. A mulher pós-moderna do mundo capitalista tem seus direitos (ao casamento, ao divórcio, à propriedade, à herança, à pensão, etc.) garantidos, livre acesso ao mercado de trabalho, poder de compra. Com isso, a mulher se torna incluída em todas as instâncias sociais e se torna cada vez mais exigente quanto à escolha de seu parceiro e quanto à qualidade da relação estabelecida por ela.

Na década de 1960, Jorge Amado mostrou, com *Dona Flor*, que a mulher quer sentir-se segura e protegida em um relacionamento ao mesmo tempo em que quer ser sexualmente atendida e satisfeita em sua plenitude. Darlene, além de segurança, aspira companheirismo e diversão com seu homem. E ela consegue isso unindo os três maridos. Karinna vê nos rapazes o que nunca teve em sua família: amor e companheirismo. Infelizmente, eles entram em disputa. E o sexo, nesse contexto, ao invés de trazer vida, traz sofrimento, guerra e iminência de morte.

Aline e Alice não têm desejos de constituir uma família. Alice, pelo contrário, sempre quis viver numa relação que fosse antagonista aos preceitos de família nuclear, aprisionadora da mulher. Elas têm desejo de liberdade e de vida plena. Su-

ellen também, mas com forte inclinação a utilizar os poderes de sedução femininos para obter vantagens.

Um estudo que poderá ser feito posteriormente diz respeito ao papel do homem nessas relações. Se a mulher está procurando se relacionar com mais de um deles, ela busca diferentes características em cada um. E se há aceitação disso, além de indicar as necessidades dessa nova mulher, aponta para a tomada de consciência do homem de que um indivíduo apenas não consegue (ainda) tudo suprir. Indica, também, a dificuldade dele de se posicionar neste mundo caótico de mudanças tão rápidas das identidades, dos papéis sociais e de liquidez das estruturas outrora dominantes.

Ora, já que a motivação e as características dessas relações poliândricas são diferentes das encontradas no passado, o que elas nos mostram, também, é a tendência humana ao relacionamento poliafetivo. Aquele em que não há posse, que busca a liberdade e felicidade de todos os envolvidos. São facilmente encontradas, na internet, associações que apóiam as famílias assim formadas. E, acreditamos que, com a existência de personagens e histórias tão bem produzidas, e exibidas em horário nobre na TV brasileira, a sociedade será menos impactada por essas diferenças na vida real, uma vez que acompanha pela janela eletrônica os dramas, as dificuldades, os conflitos existenciais, os sabores e dissabores da vida.

Referências

- Badinter, E. (1986). *Um é o outro: relações entre homens e mulheres*. (trad. C. Gomes). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Bauman, Z. (1998). *O mal-estar da pós-modernidade*. (Trad. M. Gama & C. M. Gama; rev. L. C. Friedman). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed..
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida* (trad. P. Dentzien). Rio de Janeiro: Zahar.
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos* (trad. C. A. Medeiros). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed..
- Coulanges, F. de. (1998). *A cidade antiga* (trad. F. de Aguiar), 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes – (Paideia).
- Engels, F. (2007). *El origen de la familia, la propiedad privada y el Estado*, (prólogo de A. Ciriza) 1ª ed. Buenos Aires: Luxemburg.
- Foucault, M. (1988). *História da sexualidade 1: a vontade de saber* (trad. M. T. da C. Albuquerque & J. A. G. Albuquerque). Rio de Janeiro: Graal.
- Foucault, M. (1985). *História da sexualidade 3: o cuidado de si* (trad. M. T. da C. Albuquerque; rev. J. A. G. Albuquerque). Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Goldstein, M. (1976). *Fraternal polyandry and fertility in a High Himalayan Valley in Northwest Nepal*, disponível em: www.case.edu/affil/tibet/booksAndPapers/fraternal.html [consultado a 24 de julho de 2010].
- GRANDE ENCICLOPÉDIA Larousse Cultural (1988). São Paulo: Círculo do Livro, v.24.
- Hall, S. (2005). *Identidade cultural na pós-modernidade* (trad. T. T. da Silva & G. L. Louro), 10. Ed. Rio de Janeiro: DP&A.
- Levine, N. E. & Silk, J. B. (1997). *Why polyandry fails: source of instability in polyandrous marriages*, disponível em: <https://case.edu/affil/tibet/tibetanSociety/documents/02.pdf> [consultado a 24 de julho de 2010].
- Lévi-Strauss, C. (1982). *As estruturas elementares do parentesco* (trad. M. Ferreira). Petrópolis: Vozes.
- Perrot, M. (2005). *As mulheres ou os silêncios da história* (trad. V. Ribeiro). Bauru, SP: EDUSC.
- Prado, D. (1979). *Ser esposa: a mais antiga profissão*. São Paulo: Brasiliense.
- Ribeiro, R. J. (2004). *O afeto autoritário: televisão, ética e democracia*. Cotia, SP: Ateliê Editorial.